



Liberdade, Equidade e Emancipação

Atas do XV Congresso da

Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação



SOCIEDADE PORTUGUESA
DE CIÊNCIAS
DA EDUCAÇÃO

Título:

Liberdade, Equidade e Emancipação. Atas do XV Congresso da SPCE

Organizadores:

Luis Grosso Correia

Tiago Neves

Editor:

Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação

Tratamento gráfico:

eventQualia

Foto de capa:

Marta Azevedo

Suporte:

Eletrónico

Data da publicação:

dezembro 2021

ISBN: 978-989-95390-4-4



Todo o conteúdo desta publicação, exceto onde esteja identificado, está licenciado sob uma Licença Creative Commons.

A expressão escrita e conteúdo dos textos é da exclusiva responsabilidade do/as respetivo/as autore/as.



Índice

LIBERDADE, EQUIDADE E EMANCIPAÇÃO	1
PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO EM CONTEXTOS MULTILINGUES E MULTICULTURAIS EM PORTUGAL: O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL EM QUESTÃO	3
PRÁTICAS SOCIAIS EM TEMPO DE TRANSIÇÃO PARA A INATIVIDADE PROFISSIONAL	11
OS INDICADORES DE AVALIAÇÃO DOS SISTEMAS EDUCACIONAIS E SUAS IMPLICAÇÕES NA DOCÊNCIA E GESTÃO ESCOLAR	19
TRAJETÓRIA DE VIDA E RESILIÊNCIA DE SUJEITOS SURDOS COM FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA	29
PERCEÇÕES DOS ESTUDANTES DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO SOCIAL SOBRE O ESTÁGIO CURRICULAR	40
DIRETOS POLÍTICOS E EDUCACIONAIS: POSICIONAMENTOS DE CATHARINA MOURA E CAROLINA BEATRIZ ÂNGELO NA IMPRENSA DO BRASIL E PORTUGAL	49
ATITUDES DOS JOVENS ALUNOS FACE A SI PRÓPRIOS E AO AMBIENTE	60
A OBJETIFICAÇÃO DA MULHER VERSUS O EMPODERAMENTO FEMININO NO POLE DANCE	70
DEMOCRACIA E PARTICIPAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES EDUCACIONAIS: UMA ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO DOS TRABALHADORES NA ELEIÇÃO DE ÓRGÃO COLEGIADO	81
A FORMAÇÃO DOCENTE EM MÚSICA E SUA REALIDADE PROFISSIONAL: UMA LINHA ABISSAL	88
PRIVATIZAÇÃO E AUTORITARISMO: O FUTURE-SE NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS	95
A IMPORTÂNCIA DA INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA NO BEM-ESTAR DE CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS: O PAPEL DE UMA PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO	104
A IMPORTÂNCIA DOS ASSISTENTES OPERACIONAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO EDUCATIVO DOS ALUNOS -UM ESTUDO DE CASO	108
A HISTÓRIA LOCAL COMO RECURSO PEDAGÓGICO: PERSPETIVAS, CONTRIBUTOS E DESAFIOS	122
A ACEITAÇÃO DE TECNOLOGIA EM SALA DE AULA	127
TECNOLOGIAS DIGITAIS NA APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS LÍNGUA NÃO MATERNA: A PERSPETIVA DOS PROFESSORES – RESULTADOS PRELIMINARES NO CONTEXTO DE UMA INVESTIGAÇÃO DE DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO	134
QUEM QUER SER PROFESSOR? PERFIL DOS SUJEITOS, ESCOLHAS PROFISSIONAIS E ATRATIVIDADE DA PROFISSÃO EM DOIS CONTEXTOS	143
O PROFISSIONAL E O VOLUNTÁRIO: ÉTICA E DESAFIOS IDENTITÁRIOS	150
ACOLHENDO OUTROS CONHECIMENTOS NA FORMAÇÃO DOCENTE: UMA AUTOBIOGRAFIA A 4 MÃOS	155
AVALIAÇÃO DE UMA OFICINA DE CONSTRUÇÃO DE BRINQUEDOS QUE MEXEM: PERSPETIVAS DE CRIANÇAS SOBRE O SEU ENVOLVIMENTO E APRENDIZAGENS	163
A PROBLEMATIZAÇÃO COMO METODOLOGIA NO ENSINO DE BIOLOGIA PARA ADULTOS NO SISTEMA PRISIONAL	170
O ESPAÇO COGNITIVO E INTERPESSOAL NO DESENVOLVIMENTO DE VALORES NO ÂMBITO DE PLATAFORMA ELECTRÓNICA EDUCATIVA	177
POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM ANGOLA NO PERÍODO PÓS-INDEPENDÊNCIA (1975-2019)	183
+EDUCAÇÃO PARA VALORES NA INFÂNCIA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA EM CONTEXTO DE ESTÁGIO	193
A CAPACITAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA TRANSIÇÃO PARA A VIDA ATIVA: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO A PARTIR DA FORMAÇÃO ESPECIALIZADA EM EDUCAÇÃO	200
APRENDER NA EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA BRINCANDO COM UMA FITA MÉTRICA	207
A VOZ DE ASSISTENTES OPERACIONAIS DE ESCOLAS PÚBLICAS SOBRE AS DIFICULDADES SENTIDAS NO EXERCÍCIO DA SUA PROFISSÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA ÁREA DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE PESSOAS ADULTAS	215
TORNAR-SE PROFESSOR: IDENTIDADES DOCENTES, NARRATIVAS E DESAFIOS EM TEMPOS LÍQUIDOS	222
PRÁTICAS ARTÍSTICAS, QUE SENTIDOS? ESTUDO DE CASO COM PESSOAS COM NECESSIDADES ADICIONAIS	229
O ABANDONO DO ENSINO SUPERIOR EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS DE PORTUGAL	235
TRANSIÇÃO PARA A VIDA PÓS-ESCOLAR E AUTODETERMINAÇÃO: QUAL O PAPEL DA ESCOLA?	241
ESTUDANTES MAIORES DE 23 ANOS NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA: MOTIVAÇÕES, FORMAÇÃO SUPERIOR E TRABALHO	251
PROCESSOS MIGRATÓRIOS E FORMAÇÃO: APRENDENDO NA DOR, O QUE (AINDA) É SER UMA MULHER BRASILEIRA EM PORTUGAL, EM 2019	262

PRÁTICAS VOLTADAS AO BEM-ESTAR ANIMAL COMO PROCESSO PEDAGÓGICO GERADOR DE INOVAÇÃO SOCIAL: O CASO DE UMA ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL DO SUL DO BRASIL	272
IGUALDADE DE GÉNERO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA COM O FOCO NAS CRIANÇAS E NOS AGENTES EDUCATIVOS	281
O CONTRIBUTO DA ATIVIDADE ARTÍSTICA E PATRIMONIAL PARA A EDUCAÇÃO	290
A LIVRE MANIFESTAÇÃO DO PENSAMENTO UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA ACERCA DO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT	300
LAC- LABORATÓRIO DE APRENDIZAGEM CRIATIVA	306
O POLITÉCNICO DE LEIRIA APROXIMANDO GERAÇÕES	310
A ANATOMIA DO GOVERNO DA ESCOLA PÚBLICA PORTUGUESA: NOTAS DE UMA EVOLUÇÃO NORMATIVA E CONCRETUAL	321
A INFINITUDE DO LEGADO DO MESTRE NO DISCÍPULO: PREPONDERÂNCIA DA MEMÓRIA	331
A EMERGÊNCIA DA CIDADE NO MAR REVOLTOSO DO LIBERALISMO	335
O PROFESSOR DE BIOLOGIA E OS DESAFIOS DA INCLUSÃO	344
FLEXIBILIDADE CURRICULAR NO ENSINO ARTÍSTICO ESPECIALIZADO DA MÚSICA: INOVAÇÃO PEDAGÓGICA OU TRADIÇÃO EDUCATIVA? O CASO DA FORMAÇÃO MUSICAL	354
LIBERDADE E CIDADANIA GLOBAL: APRENDER A APRENDER COM O LIVRO -ÁLBUM	360
DIREITOS HUMANOS: CONCEITOS, LUTAS E A IMPOTÊNCIA DO CURRÍCULO ESCOLAR HUMANÍSTICO BASEADO EM DIREITOS HUMANOS	366
PERCEÇÕES DOS SUPERVISORES SOBRE AS APRENDIZAGENS PROPORCIONADAS PELO ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO SOCIAL	373
VELOMOBILIDADE E PARTICIPAÇÃO NA URBE: PARA UM DESENVOLVIMENTO INTEGRADO ESUSTENTÁVEL DE INDIVÍDUOS E CIDADES	381
ECLIPSE DE SOBRAL E A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS: UMA POSSIBILIDADE NO ENSINO DE FÍSICA	391
PERCURSOS DE AUTONOMIA E PARTICIPAÇÃO EM CRIANÇAS/JOVENS INSTITUCIONALIZADOS	396
ORGANIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR EM PORTUGAL: PERSPETIVA SÓCIO-HISTÓRICA	401
ENTRE A RESOLUÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO: A INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO	407
AVALIAÇÃO POR PARES - UMA EXPERIÊNCIA DE COMUNICAÇÃO MATEMÁTICA COM ALUNOS DO 9.º ANO	412
AGOSTINHO DA SILVA E A CAUSA DA CULTURA POPULAR EM PORTUGAL, TERCEIRA E QUARTA DÉCADAS DO SÉC.XX	420
OS MOTIVOS DA ESCOLHA DO CURSO E AS EXPECTATIVAS ACADÉMICAS: O CASO DOS ESTUDANTES DE CURSOS TÉCNICOS SUPERIORES PROFISSIONAIS	430
FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM PRÁTICAS EXPERIMENTAIS NO ENSINO PRIMÁRIO	442
EMPÍROCA	453
A OCDE E A EDUCAÇÃO. O PISA E A SUA TRANSFORMAÇÃO NUM PROJETO DE "BIG SCIENCE"	464
PERTINÊNCIA DE UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA NO ESTUDO DAS IDENTIDADES PROFISSIONAIS DE PROFESSORES	473
UM OLHAR SOBRE OS FATORES DE RISCO PARA O ABANDONO ESCOLAR PRECOCE NO ENSINO PROFISSIONAL NA REGIÃO DE LEIRIA	481
OBJETOS, SÍTIOS E MEMÓRIAS DE 40 ANOS DO POLITÉCNICO DE VISEU: PROCESSOS E APRENDIZAGENS DE UMA EXPOSIÇÃO VIRTUAL	490
AVALIAR PARA MELHORAR A APRENDIZAGEM OU PARA CLASSIFICAR? UM ESTUDO SOBRE A AVALIAÇÃO FORMATIVA NUM AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DO PORTO	495
"NÃO É LÚDICO? NÃO QUEREMOS..." A DIMENSÃO DO LÚDICO NO ENSINO DA MÚSICA NAS ATIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR	506
QUE ESPAÇO CURRICULAR PARA OS ALIMENTOS PROMOTORES DE SAÚDE?	512
A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO LITERÁRIA NA PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS, DA PAZ E DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	520
CONCEÇÕES DOS SUPERVISORES SOBRE AS PRÁTICAS DE SUPERVISÃO NO 1.º CEB	526
LÍDERES BA FUTURU	537
ALDEIAS 65+ I PROJETO DE INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA PARA A INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS SENIORES DA FREGUESIA DE POMBAL	546
SCHOOLS 4.0 - INNOVATION IN VOCATIONAL EDUCATION: PROJECT NR. 2018-1-PT01-KA202-047463	554

AUTONOMIA E FLEXIBILIDADE CURRICULAR: PERCURSOS DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA?	574
ENSINO SUPERIOR E PERFIL ESTUDANTIL: PERCEÇÃO DE DOCENTES EM RELAÇÃO AOS NOVOS SUJEITOS DA APRENDIZAGEM	581
ENSINO SUPERIOR, EDUCAÇÃO EM PORTUGUÊS E CIDADANIA GLOBAL	590
A WIKIPÉDIA NO ENSINO SUPERIOR ONLINE: QUE PRÁTICAS?	600
O FEEDBACK NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: UM CONTRIBUTO PARA A REALIZAÇÃO DE APRENDIZAGENS PROFISSIONAIS	610
AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR – CASO DO INSTITUTO SUPERIOR POLITÉCNICO MARAVILHA (ISPM), BENGUELA – ANGOLA	619
TRAJETOS ESCOLARES IMPROVÁVEIS DE JOVENS DAS CLASSES POPULARES: ABORDAGEM EXPLORATÓRIA	629
DISTRIBUTED LEADERSHIP: A BIBLIOMETRIC REVIEW, CO-CITATION, CO-AUTHORSHIP NETWORKS	648
COM PAPAS E BOLOS, SE ENGANAM OS TOLOS - SISTEMAS ALIMENTARES, PALADAR E IDENTIDADE	661
O ATO RESPONSÁVEL EM BAKHTIN DÁ CONTA DE PENSAR A ÉTICA PROFISSIONAL DOCENTE?	669

IGUALDADE DE GÉNERO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA COM O FOCO NAS CRIANÇAS E NOS AGENTES EDUCATIVOS

Cristiana Ribeiro¹, Ana Claudia Loureiro², Cristina Mesquita³

¹*CIEB - IPB (PORTUGAL), cristiana.ribeiro@ipb.pt*

²*CIEB - IPB (PORTUGAL), ana.loureiro@ipb.pt*

³*CIEB - IPB (PORTUGAL), cmmgp@ipb.pt*

Resumo

A identidade das crianças é uma construção social, influenciada pelos agentes educativos e culturais e pelos instrumentos da cultura: família, escola, grupo de pares, grupos sociais, tradições, livros, os media, o património (cultural e natural), entre outros. As crianças aprendem papéis de género não só em contextos de aprendizagem formal como escola, mas também em contextos informais, como a família, os vizinhos. Um dos objetivos de desenvolvimento sustentável definido pela Organização das Nações Unidas em 2015 envolve a garantia de uma educação de qualidade inclusiva e equitativa, promovendo aprendizagens ao longo da vida. Para tal, é importante a realização de reflexões críticas e sistemáticas sobre os estudos atuais, de forma a poder melhorar e complementar a literatura existente. Esta investigação teve como objetivo fazer um estudo sobre o estado da arte no que se refere à igualdade de género aos olhos dos agentes educativos (educadores, professores e pais) e das crianças e jovens. Trata-se de uma investigação interpretativa, sustentada por uma revisão sistemática da literatura suportada por artigos e investigações de referência sobre o tema. Recorreu-se à análise de conteúdo como forma de interpretação e cruzamento de dados. Dos resultados obtidos verificamos que, embora vários estudos se refiram à importância da promoção de uma educação igualitária, deparamo-nos com um défice relativamente à visão dos professores, educadores e pais/mães. Salienta-se, por isso, que o tema da igualdade de género ainda é bastante atual e carece de algumas investigações.

Palavras chave: igualdade de género, agentes educativos, crianças, jovens.

Abstract

Children's identity is a social construction, influenced by the behaviours, teachings and personality they encounter in different contexts: family, school, peer group and social context in general. Children learn gender roles not only in contexts of formal learning such as school but also in informal contexts, such as family, neighbours. One of the sustainable development goals defined by the United Nations in 2015 involves ensuring inclusive and equitable quality education, promoting lifelong learning. For this, it is important to carry out critical and systematic reflections on current studies, in order to improve and complement the existing literature. This research aimed to make a study on the state of the art with regard to gender equality in the eyes of educational agents (educators, teachers and parents) and children and young people. This is an interpretative investigation, supported by a systematic review of the literature supported by articles and reference investigations on the topic. Content analysis was used as a way of interpreting and crossing data. From the results obtained, we can see that, although several studies refer to the importance of promoting equal education, we face a deficit regarding the view of teachers, educators and parents. It should be noted, therefore, that the issue of gender equality is still very current and needs further investigation.

Keywords: gender equality, educational agents, children, youth.

1. A IGUALDADE DE GÉNERO: DEFINIÇÃO E ABORDAGENS

Os processos de construção social das diferenças e desigualdades entre homens e mulheres, com base nas categorias de “masculino” e “feminino” são de natureza complexa e multidimensional. Desde criança que a identidade de género se vai construindo, muito pela influência dos agentes sociais. Desde muito cedo as crianças começam a construir as suas ideias em torno dos papéis da mulher e do homem na sociedade, bem como das diferenças que existem entre eles. O esbatimento

das assimetrias entre homens e mulheres e a garantia da igualdade de género, tem vindo a ser considerada como um elemento fundamental no processo de desenvolvimento económico e social dos países. A este propósito, a Organização das Nações Unidas (2015) revela a importância da igualdade e a inclusão como fatores fundamentais para o desenvolvimento sustentável. Também os IV e V Plano Nacional para a Igualdade, Género, Cidadania e não Discriminação (2011-2013; 2014-2017), têm assumido este objetivo como essencial no desenvolvimento das sociedades.

Neste estudo consideramos o conceito de igualdade de género a partir das definições dadas pelas Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género [CIM] (2009) e Comissão para a Igualdade no trabalho e no emprego [CITE] (2003), onde se afirma que “a Igualdade entre Mulheres e Homens, ou Igualdade de Género, significa igualdade de direitos e liberdades, oportunidades, participação, reconhecimento e valorização de mulheres e de homens, em todos os domínios da sociedade, político, económico, laboral, pessoal e familiar (p. 2). A igualdade de género engloba diferentes tipos de igualdade, como sendo a igualdade de oportunidades, a igualdade de papéis de género, a igualdade de tratamentos, entre outros. Neste sentido, podemos considerar que a concetualização de igualdade de género se refere a um tema bastante complexo, tratando-se de uma expressão muito abrangente que considera todas as dimensões da liberdade, seja ela de expressão, de pensamentos, de opinião, de escolhas, de desenvolvimento de capacidades, aspirações e necessidades sem que haja diferenciações para homens e mulheres. Incorpora um igual reconhecimento da importância, do estatuto e do valor social tanto de homens como de mulheres, dando oportunidade de ambos mostrarem as suas capacidades e de definirem uma rota de vida sem que a sociedade os influencie, rejeitando os papéis tradicionalmente atribuídos e diferenciados em termos de género.

Existem estudos que referem o contexto familiar e o contexto escolar como os principais influenciadores das concepções das crianças sobre o género (Levy, Darmstadt, Ashby, Quandt, Halse, Nagar & Greene, 2019). A investigação tem destacado que é através das aprendizagens formais e informais que a criança constrói muitos dos seus referenciais identitários. Estes referenciais são determinados pelas crenças, comportamentos, atitudes e estereótipos que se observam nos espaços culturais com os quais a criança contacta e que moldam a sua visão sobre o mundo (O'Connor, McCormack, Robinsin, & O'Rourke, 2017; Sobkin, Skobeltsina, & Oudenhoven, 2018; Brackauf, & Rees, 2017; Endendijk, Groeneveld, & Mesman, 2018).

2. METODOLOGIA E TRAJETO DE ESTUDO

Tendo em conta a influência dos agentes educativos na perpetuação das diferenças género ou na construção de visões mais igualitárias na sociedade, esta revisão da literatura teve como objetivo analisar os estudos que foram produzidos sobre as concepções dos agentes educativos (educadores, professores e pais) sobre as questões de género, mas também analisar os estudos que enfocam as visões das crianças sobre esta temática.

A revisão sistemática da literatura seguiu a linha de com Higgins, Thomas, Chandler, Cumpston, Li, Page e Welch VA (2019). Num primeiro momento foi realizado o processo de seleção dos estudos como forma de recolher os dados necessários. Posteriormente procedeu-se à análise de conteúdo como forma de agrupar e interpretar os dados constantes nos estudos. Na subsecção que se segue dá-se conta de todo o procedimento realizado.

2.1. Técnicas e instrumentos de recolha e análise de dados

Nesta revisão sistemática da literatura foram seguidas etapas específicas para a recolha dos dados, como podemos observar na figura 1.

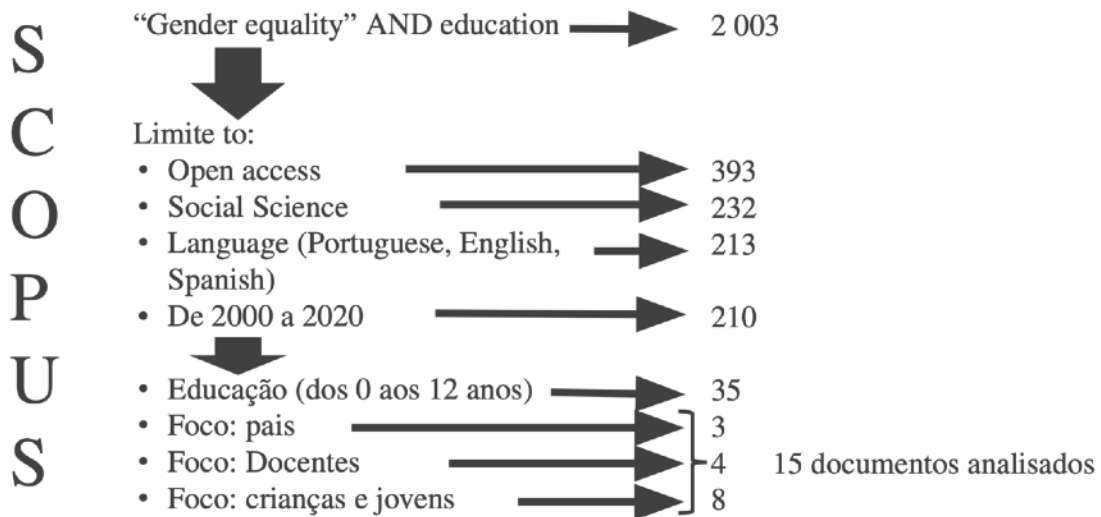


Figura 1: Processo de recolha, seleção e exclusão de documentos para análise.

Após a seleção da temática a investigar, o primeiro processo foi recolher as referências teóricas de investigações e estudos mais recentes e considerados como mais importantes e com um valor relevante para a temática, usando para este efeito a plataforma SCOPUS. Foram usadas as palavras “gender equality” e “education” como critérios de inclusão da pesquisa. Nesta primeira fase obtiveram-se 2003 artigos. Limitou-se a pesquisa às publicações realizadas a partir do ano 2000, em acesso livre, pertencentes à área das ciências sociais, cuja língua fosse o português, espanhol e inglês. Dos resultados de pesquisa obtiveram-se 210 estudos.

Passamos, posteriormente, à fase de refinamento da pesquisa, a partir da leitura dos resumos, e para atender aos objetivos do estudo usaram-se dois critérios de exclusão: (i) não pertencer à área da educação; (ii) não tratar de estudos com crianças entre os 0 e os 12 anos. Deste afunilamento foram excluídos 75 estudos, tendo ficado disponíveis 35 artigos. Procedeu-se, a um refinamento mais aprofundado, tendo em conta os seguintes critérios: (i) foco nas concepções dos educadores: pais e docentes; (ii) foco nas concepções das crianças e jovens. Deste último procedimento foram excluídos mais 20 artigos. Desta forma, foi selecionado um total de 15 artigos, categorizados segundo os critérios: (i) sete artigos integrados na categoria, concepções dos educadores (pais e docentes) e; (ii) oito artigos focalizados nas concepções das crianças e jovens. O procedimento, tendo em conta os critérios de inclusão e exclusão foram validados pela terceira autora deste estudo.

Para a organização dos documentos selecionados recorreu-se ao programa Excel, onde foram criadas as seguintes colunas: ano do estudo, nome dos autores, título do estudo, objetivos, metodologia e técnicas utilizadas; breve descrição, resultados, conclusões. Os dados foram organizados de forma crescente considerando a data de publicação.

Após a leitura e o preenchimento da tabela, procedeu-se à análise de conteúdo. Para isso foram criadas categorias e subcategorias conforme se explicita na tabela 1

Tabela 1 - Categorias e subcategorias de análise para revisão sistemática da literatura

Tema: Igualdade de Género	
Categorias	Subcategorias
<i>Concepções dos pais sobre a igualdade de género</i>	Diferenciação de género na atribuição de tarefas
	Fatores promotores da desigualdade
	Fatores promotores da igualdade
	Convivência entre pais/mães e filhos/filhas.
<i>Concepções dos educadores/professores sobre a igualdade de género</i>	Estereótipos de género
	Ação educativa
	Papel da escola e dos professores
<i>Concepções das crianças e dos jovens sobre a igualdade género</i>	Estereótipos de género
	Fatores influenciadores: família e <i>media</i>
	Opinião das crianças

Primeiramente analisamos a tabela e os estudos segundo o objetivo do estudo, destacando o texto a cores diferentes tendo em conta a categoria em que incluíam estudos focalizados nas concepções: das famílias, dos profissionais de educação e das crianças. Seguidamente, as categorias passaram por um processo de refinamento, do qual emergiram algumas subcategorias. Na categoria concepções dos pais sobre a igualdade de género sobressaíram as seguintes subcategorias: (i) diferenciação de género na atribuição de tarefas domésticas, (ii) fatores promotores da desigualdade, (iii) fatores promotores da igualdade, e (iv) convivência entre pais/mães e filhos/filhas. Na categoria concepções dos educadores/professores sobre a igualdade de género evidenciaram-se as seguintes subcategorias: (i) estereótipos de género, (ii) ação educativa e (iii) papel da escola e dos professores. Na categoria concepções das crianças e jovens sobre a igualdade de género, emergiram as seguintes subcategorias (i) estereótipos observados, (ii) fatores influenciadores das identidades de género e (iii) opinião das crianças.

A análise dos resultados que a seguir se apresenta foi feita com base na leitura dos artigos de acordo com os objetivos, categorias e subcategorias definidos neste estudo.

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise de conteúdo segue a ordem das categorias e subcategorias apresentadas na tabela 1 referente às categorias e subcategorias de análise para revisão sistemática da literatura. Iniciamos com a revisão da literatura focada nas concepções dos pais, apontando de que forma estão a ser divididas as tarefas no contexto familiar, quais os fatores que influenciam à igualdade e à desigualdade e como está a ocorrer a convivência entre pais/mães e filhos/filhas. Seguidamente são abordadas as concepções dos educadores de infância e professores, referindo quais os estereótipos de género mais difundidos por estes docentes, se a sua ação educativa respeita a igualdade de género e qual o papel da escola e dos professores para o alcance da mesma. Por último, são apresentadas as concepções das crianças e jovens, referindo quais os estereótipos de género mais visíveis, de que forma é que a família e os media influenciam nesses estereótipos e quais são as opiniões manifestadas por esse público relativamente a esta problemática e à sua participação na mesma.

3.1. Concepções dos pais sobre a igualdade de género

O primeiro agente educativo com que a criança tem contacto, ainda antes do nascimento, é a família. É neste seio que se vão transmitindo e perpetuando valores e atitudes que se julgam adequados e

transmissores de bem-estar e felicidade, os quais são influenciados pelo entendimento que os progenitores têm acerca de se ser homem e mulher. Aí adquire as primeiras aprendizagens sobre o mundo e sobre si mesmo. Aprende papéis de género que marcam a sua personalidade e influenciam os seus comportamentos (O'Connor, McCormack, Robinsin & O'Rourke, 2017; Sobkin, Skobeltsina e Oudenhoven, 2018 Brackauf & Rees, 2017; Endendijk, Groeneveld & Mesman, 2018).

Com o objetivo de analisar os níveis de igualdade de género dos pais e mães de famílias pertencentes ao ensino público mexicano, Ojeda e Ramírez (2019), realizaram um estudo com 2815 participantes, através da aplicação de um inquérito por questionário com perguntas fechadas. Estes concluíram, que os progenitores vivem numa ilusão de igualdade, considerando que têm as mesmas atitudes e comportamentos com os seus filhos ou filhas. Contudo, os autores descobriram que quando se analisa a diferenciação de género na atribuição de tarefas, apercebemo-nos que o tempo destinado a tarefas domésticas e ao restante trabalho não remunerado é desigual, sendo as mulheres aquelas que ficam com maior quantidade de tarefas. Revelam a escolaridade como um fator impulsionador da igualdade e a religião como um possível fator promotor da desigualdade, mencionando que quando não há ligação a nenhuma religião e quando o nível de escolaridade é mais elevado, maior é a propensão à igualdade. A partir dos dados recolhidos pela Encuesta Nacional de Ingresos Y Gastos de Los Hogares, Peña e Amador (2016) investigaram 19036 casais heterossexuais, com o objetivo de descobrir se a união conjugal influencia no número de horas de tarefas domésticas, o que lhes permitiu concluir que o tipo de união é um fator promotor de igualdade, sendo que as desigualdades são menos evidenciadas em casais de união livre.

Sobkin, Skobeltsina e Oudenhoven (2018) investigaram a convivência entre pais/mães e filhos/as, com o objetivo de perceber como estes organizam o seu tempo de lazer em família. Para o levantamento de dados, os autores realizaram 1936 entrevistas a pais e mães de crianças em idade pré-escolar. Os dados revelam que a relação pais/mães e filhos/as, tende a ser diferenciada, mesmo na ocupação dos tempos livres. De acordo com os autores, os pais tendem a dedicar o seu tempo livre aos filhos e as mães às filhas. Os valores transmitidos são normalmente tradicionalistas e estereotipados, visto que as mães e filhas ocupam o seu tempo com tarefas domésticas e os pais e filhos ocupam-se com atividades relacionadas com as tecnologias. Os mesmos autores descobriram que o tempo dedicado pelos pais e mães aos seus filhos e filhas não é igual, uma vez que os pais salientam a falta de tempo livre.

3.2. Concepções dos educadores/professores sobre a igualdade de género

A escola é o segundo grande contexto social com que as crianças têm contacto, sendo responsável pela educação e aprendizagem, considerando-se que ela deve ser promotora de maior igualdade. Um dos objetivos de desenvolvimento sustentável definidos pelas Nações Unidas em 2015 envolve a garantia de uma educação de qualidade inclusiva e equitativa, promovendo aprendizagens ao longo da vida. As práticas pedagógicas de professores e educadores devem ser pensadas tendo em conta esse objetivo, uma vez que a educação tem influência na construção de género. A escola é, por alguns autores, definida como um dos principais locais de socialização dessas ideologias (Rosistoloato, 2009; Peña & Amador, 2016; Ojeda & Ramírez, 2019; Vanner, 2019).

Com o objetivo de analisar as classificações de género utilizadas por 16 docentes que desenvolveram projetos de orientação sexual, Rosistolato (2009), através de entrevistas, concluiu que, ainda que a escola deva ser um contexto de promoção de igualdade, nem sempre isso acontece. Nela interagem pessoas com visões, experiências de vida e crenças diferenciadas sobre a realidade, transmitindo alguns estereótipos de género. Confirmou que o grupo de educadores e professores é maioritariamente feminino, demonstrando às crianças que na escola não existe igualdade e que ser professor e educador ainda é trabalho para mulheres. A situação é ainda mais visível em jardins de infância e creches, onde o público-alvo são crianças com idades mais baixas e onde o papel destes profissionais é visto como uma extensão do trabalho doméstico.

Na Suécia realizou-se uma investigação que utilizou a entrevista a 43 alunos do ensino básico e secundário de quatro escolas distintas, com os objetivos: (i) perceber de que forma os discursos de participação e poder são ou não praticados e materializados, e (ii) entender como são as representações dos alunos sobre igualdade de género e diversidade. Keisu, Ahlström, (2020) ao analisarem as ações educativas observaram algumas incoerências nos professores que apesar dos discursos de igualdade revelavam reações distintas, para rapazes e raparigas, perante comportamentos similares afirmam que é importante, no decurso da formação valorizar as pedagogias críticas, uma vez que o conceito de género e de igualdade estão em constante construção e evolução.

Rodríguez, Garcia e Camargo (2019), aplicaram um inquérito por questionário a 353 futuros professores, com o objetivo de analisar a competência transversal centrada na planificação de espaços de aprendizagem favorecedores do respeito e igualdade de género, e depararam-se com uma desigualdade nas práticas educativas, observando que as profissionais mulheres tendem a valorizar mais as práticas educativas focadas na igualdade do que os profissionais homens. No que se refere ao papel da escola e dos professores, o estudo de Rodríguez, Garcia e Camargo (2019), realizado no ensino superior, estabelece uma relação entre a valorização dada à igualdade de género no currículo durante a formação superior e as práticas educativas já durante a carreira profissional, percebendo que quanto mais trabalhada for a igualdade de género na formação superior, maior será a sua implementação nas práticas futuras.

Do estudo de Vanner (2019), realizado com professores e alunos de duas escolas do Kenya, que teve por objetivos definir segurança de género e identificar práticas promotoras e dilatórias desse conceito, percebe-se que, enquanto uns professores promovem a igualdade e a segurança de género, outros fazem completamente o contrário, incentivando a desigualdade, chegando às vezes a fazer uso da violência.

3.3. Concepções das crianças e dos jovens sobre a igualdade género

O estudo de Aksoy, Ustun e Sural (2019) teve como foco a formação de estereótipos de género nas crianças. Para tal, analisaram as concepções de 570 crianças do 4.º ano de escolaridade, através de um inquérito, sobre a igualdade de género. Os autores perceberam que entre diversas categorias, os estereótipos dos papéis de género ainda se concentram essencialmente na divisão das tarefas domésticas. As crianças consideram que lavar pratos, passar a ferro, fazer limpezas, costurar e tricotar é trabalho para raparigas, enquanto as reparações e espetar pregos se destinam aos rapazes.

O'Connor, McCormack, Robinsin e O'Rourke (2017) investigaram as diferenças de género (através de entrevistas e observação naturalista) observando as brincadeiras de 1688 crianças. Comprovaram que os rapazes tendem a realizar brincadeiras em espaços exteriores, enquanto as raparigas tendem a brincar no interior de casa. Os rapazes priorizam brincadeiras físicas e desportos organizados, enquanto as raparigas valorizam desportos espontâneos e atividades criativas e sociais. Também Aksoy, Ustun e Sural (2019) investigaram os momentos lúdicos das crianças, apercebendo-se que, a maioria delas, viam as brincadeiras como sendo para ambos sexos, como são o exemplo de brincar com berlindes, aviões, computador, subir às árvores, jogar à macaca e saltar à corda. Apenas as brincadeiras com bonecas e brincar às famílias foram referidas como sendo somente destinadas a raparigas, enquanto brincar com carros a rapazes. As desigualdades foram essencialmente apontadas pelo sexo oposto, foram os rapazes que maioritariamente indicaram as brincadeiras com bonecas e às famílias como sendo destinadas a raparigas, e foram mais as raparigas que apontam o brincar com carros como sendo brincadeiras de rapazes.

Ainda segundo o mesmo estudo, no que diz respeito às profissões, as crianças consideravam que ser bailarino/a, ser astronauta, ser escultor/a, ser juiz/a, ser presidente e ser polícia eram profissões tanto para meninos como meninas. Contudo, relativamente à profissão baby sitter esta foi classificada como uma profissão particularmente destinada a mulheres, as respostas obtidas foram maioritariamente expressas pelas raparigas. Já no caso da profissão de motorista de camiões foi a maioria dos rapazes que assumiu que esta é uma profissão destinada a homens (Aksoy, Ustun, & Sural, 2019). Ao cruzar os dados com a classificação das brincadeiras encontram-se algumas semelhanças. Se brincar com bonecas se destina a raparigas, na vida adulta, cuidar de crianças destina-se a mulheres. No mesmo sentido, se só os rapazes podem brincar com carros, também só os homens em idade adulta podem ser condutores. Temos aqui um excelente exemplo de que, o que aprendemos em idades reduzidas pode se refletir na idade adulta.

O mesmo estudo investiga também as concepções das crianças sobre a identidade de género, chegando à conclusão de que as crianças não veem o tamanho do cabelo como uma distinção entre os sexos, uma vez que referem que tanto meninas como meninos podem ter o cabelo curto ou comprido. O mesmo não acontece no penteado, uma vez que o rabo de cavalo é apontado (com mais respostas femininas que masculinas) como sendo apenas destinado a raparigas. No que se refere às cores, tanto o azul (com percentagem igual de ambos sexos) como o rosa (com maiores respostas positivas por parte de meninos) podem ser cores destinadas tanto a meninos como a meninas, mas com uma percentagem de aceitação mais evidente na cor azul.

Bruckauf e Rees (2017) investigaram a existência de um padrão indicador referente ao trabalho doméstico, descobrindo que um dos fatores influenciadores que justificam estas desigualdade acima referidas é a família. Como vimos anteriormente, as tarefas domésticas no seio familiar ainda são

muito destinadas às mulheres, o que faz com que as crianças entendam isso como o normal. As crianças são envolvidas nessas tarefas, as raparigas são chamadas a ajudar nas tarefas que as mães desempenham e os rapazes tendem a ajudar os pais. Outro fator influenciador pode ser os meios de comunicação, uma vez que alguns estudos revelam o seu impacto na desigualdade, pela divulgação de personagens estereotipadas (Sobkin, Skobeltsina & Oudenhoven, 2018; Ausbrey & Harrison, 2004)

Watkins, Law, Barwick e Kirkm (2018) investigaram o conhecimento jurídico de 634 crianças de oito escolas diferentes sobre os seus direitos, através da utilização de um jogo digital. No que se refere à participação das crianças nas práticas educativas dos educadores e professores, o estudo comprovou que nem sempre as crianças são envolvidas em projetos relacionados com a igualdade de género e, quando o são, é normalmente uma atividade pontual, um dia temático, uma vez por ano. Estes investigadores concluíram que as vozes e opiniões das crianças e jovens não são tidas em conta. Também o estudo de Keisu e Ahlström (2020) permitiu chegar a essa mesma conclusão.

Bragg, Renold, Ringrosec e Jackson (2018), num estudo que envolveu 100 jovens entre os 12 e os 14 anos pertencentes a comunidades LGBT e feministas, investigaram o seu ponto de vista sobre igualdade de género, realçando o interesse das crianças e jovens por algumas problemáticas. Estes gostam de partilhar experiências, e têm algumas bastante ricas, que nem sempre são positivas, mas que mesmo assim tendem a ser ignoradas. Foi-lhes comprovada a capacidade de apontar problemas que necessitam ser repensados, referindo contextos específicos que carecem de melhorias (religião, desporto e escola) e também de procurarem soluções (divulgação de outras culturas e pessoas que não seguem a norma). Ainda assim, sentem que a sociedade não os leva a sério, considerando-os bastante infantis até em idade mais avançada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da pesquisa realizada na plataforma SCOPUS de referenciais teóricos sobre esta temática apontamos para um défice de investigações focadas em agentes educativos e nas suas práticas educativas. São alguns os estudos relevantes que se focam nas crianças, na sua visão de igualdade e na sua opinião sobre o trabalho que é desenvolvido pelas escolas sobre a igualdade de género (essencialmente em crianças mais crescidas). No entanto, ainda são poucos os estudos que se focam nos pais, professores e educadores de infância, no sentido de perceber que tipo de valorização fazem da igualdade de género e como a integram no seu quotidiano profissional. Quando realizada uma pesquisa, sobre revisões sistemáticas da literatura, elas são quase inexistentes e, as poucas que existem, focam-se mais em leis e documentos oficiais do que em investigações com público-alvo específico.

Os estudos que analisam as concepções dos pais evidenciam que estes apesar de pensarem que tem uma concepção de igualdade entre homens e mulheres, na verdade, quando são confrontados com o tipo de tarefas que homens e mulheres devem assumir, revelam estereótipos continuando a considerar que as mulheres devem assumir mais tarefas domésticas e os homens mais tarefas remuneradas. Essas concepções são experiências que as crianças vivenciam em casa, construindo ideias diferenciadoras sobre o papel da mulher e do homem. concepções de diferentes agentes sociais. No que se refere aos pais, relativamente existe diferença. Dentro dos fatores promotores de igualdade assume-se a escolaridade e o tipo de união entre os parceiros, destacando-se como o fator que mais influencia a desigualdade a religião.

Relativamente à influência que os educadores de infância e professores exercem sobre as crianças, por exemplo na subcategoria dos estereótipos de género, evidencia-se que constituição desigual do corpo docente com maior prevalência do sexo feminino, pode influenciar na escolha da profissão, uma vez que as crianças passam a associar esta função mais às mulheres do que aos homens. Da subcategoria referente às práticas educativas depreende-se uma dualidade de situações, uns professores promovem a igualdade, outros fazem exatamente o contrário incentivando a desigualdade. As mulheres tendem a promover práticas mais reflexivas no que se refere à igualdade. Na subcategoria do papel da escola e dos profissionais, além da promoção da igualdade, destaca-se a valorização das pedagogias críticas.

Por último, a visão das crianças e jovens, relativamente aos estereótipos de género, as maiores desigualdades fazem referência aos papéis de género, sendo a mulher entendida como a dona de casa, sendo-lhe destinadas as funções de, por exemplo, lavar pratos, fazer limpezas e arrumar e, como profissão, ser baby sitter, já aos homens são-lhe destinadas profissões mais mecânicas e que necessita, de maior força e destreza como por exemplo a condução de camiões.

Os fatores mais influenciadores das desigualdades são a família e os media. As crianças e jovens consideram que as suas opiniões não são ouvidas e que pouco trabalho se faz nas escolas para a promoção da igualdade.

Neste sentido, esta revisão da literatura, salienta que tanto pais como professores ainda têm um longo caminho a percorrer no que diz respeito à igualdade de género. Ambos necessitam de perceber que a igualdade não existe nas suas vidas e nas suas práticas, pois, como se pode verificar, principalmente os pais, vivem iludidos com falsa igualdade. Só este choque com a realidade é que acarreta mudanças. As maiores desigualdades continuam a ser na distribuição do tempo não remunerado, principalmente no que se refere às tarefas domésticas. Com isto podemos observar que as práticas dos pais e mães tem influência na construção da identidade dos filhos/as.

Ainda que muito se tenha feito sobre igualdade de género, as evoluções são lentas e, embora se observem diferenças entre o passado e o presente, continuam a persistir estereótipos que é necessário dissipar.

Aconselhamos que os estudos futuros sigam duas linhas de pesquisa, em que o ideal seria se cruzarem dentro da mesma investigação. Uma linha de pesquisa pode focar-se nas práticas educativas de professores, educadores e pais, investigando de que forma estão a ser feitas, se estão a ser planificadas e pensadas na igualdade de género e qual a visão que estes agentes têm sobre esta temática. Outra linha de pesquisa que pensamos ser importante investigar é como as crianças interpretam essas práticas educativas de que são alvo e de que forma estão a ajudar ou não para uma evolução das mentalidades.

REFERÊNCIAS

- Aksoy, N., Ustun, O. N. & Sural, U. C. (2019). Gender Perceptions of the primary school 4th graders regarding "children's rights". *Eurasian Journal of Education Research*, 83, 145-166.
- Aubrey, J. S. & Harrison, K. (2004). The gender-role content of children's favorite television programs and its links to their gender-related perceptions. *Media Psychology*, 6, 111-146.
- Bragg, S., Renold, E., Ringrosec, J. & Jackson, C. (2018). 'More than boy, girl, male, female': Exploring young people's views on gender diversity within and beyond school contexts. *Sex educational*, 18(4), 420-434.
- Bruckauf, Z. & Rees, G. (2017). Children's Participation in Housework: Is there a case of gender stereotyping? Evidence from the International Survey of Children's Well-Being (ISCWeB). UNICEF Office of Research: Innocenti Research Briefs, 17, 1-3.
- Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (2009). *A Igualdade de género em Portugal 2009*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (2013). *IV Plano Nacional para a Igualdade - Género, Cidadania e não Discriminação, 2011-2013*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- CIG (2013). *V Plano Nacional para a Igualdade de Género, Cidadania e Não-Discriminação (2014-2017)*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- CITE (2003). *Manual de Formação de Formadores/as em Igualdade entre Mulheres e Homens*. Lisboa: CITE.
- Endendijk, J. J., Groeneveld, M. G. & Mesman, J. (2018). The gendered Family Process Model: An integrative framework of gender in the family. *Archives of Sexual Behavior*, 47, 877-904.
- Higgins, J. P. T., Thomas J., Chandler J., Cumpston M., Li T., Page M. J., & Welch V. A. (Ed.). (2019) *Cochrane Handbook for Systematic Reviews of Interventions*. 2nd Edition. Chichester (UK): John Wiley & Sons.
- Keisu, B. I. & Ahlström, B. (2020). The silent voices: Pupil participation for gender equality and diversity. *Education Research*, 62(1), 1-17.
- Levy, J., Darmstadt, G., Ashby, C., Quandt, M., Halse, E., Nagar, A. & Greene, M. (2019). Characteristics of successful programmes targeting gender inequality and restrictive gender norms for

the health and wellbeing of children, adolescents, and young adults: a systematic review. *Lancet Glob Health* 2020, 8, 225–36.

O'Connor, D., McCormack, Robinson, C. & O'Rourke, V. (2017). Boys and girls come out to play: Gender differences in children's play patterns. 9th International Conference on Education and New Learning Technologies. Consultado a janeiro, 2020 em <https://library.iated.org/view/OCANNOR2017BOY> a 20/02/2020.

Ojeda, N. & Ramírez, R. G. (2019). Actitudes de padres mexicanos acerca de la igualdad de género en los roles y liderazgos familiares. *Estudios Demográficos y Urbanos*, 34(1), 169-211.

ONU (2015). Resolution adopted by the General Assembly on 25 September 2015: Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development. Consultado a janeiro, 2020 em https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/70/1&Lang=E.

Penã, L. S. & Amador, J. P. (2016). Distintas o iguais: las diferencias en el trabajo doméstico de las parejas de doble ingreso entre las uniones libres y los matrimonios. *Estudios demográficos y urbanos*, 31(3), 593-634.

Rodríguez, R., Gracia, E., Chan, M. & Camargo, A. (2019). Respeto e igualdad de género em la formación inicial docente. *Cadernos Pesquisa*, 49(174), 152-166.

Rosistolato, R. P. R. (2009). Gênero e cotidiano escolar: dilemas e perspectivas da intervenção escolar na socialização afetivo-sexual dos adolescentes. *Revista Estudos Feministas*, 17(1), 11-30.

Sobkin, V., Skobeltsina, K., & Oudenhoven, N. V. (2018). The interaction between parents with their preschool children during leisure time: Key features. In Russian & W. Values (Ed.), *Vygotsky's Theory in Early Childhood Education and Research*. London: Routledge. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315098203>.

Vanner, C. (2019). Examining gender safety in schools: teacher agency and resistance in two primary schools in Kirinyaga, Kenya. *Education science*, 9(63), 1-14.

Watkins, D., Law, E.L., Barwick, J. & Kirk, E. (2018). Exploring children's understanding of law in their everyday lives. *Legal Studies*, 38, 59-78.